

SAUL BELLOW NOS ANOS 80 — UMA REAVALIAÇÃO

Sigríd Renaux

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A obra de Saul Bellow, no contexto da ficção norte-americana contemporânea, sempre se projetou como talvez a única que consiga resgatar a universalidade da natureza humana. Assim, seus romances, de *Dangling Man* (1944) até *Theft* (1989), apesar da grande diversidade estilística e estrutural, apresentam e aprofundam um tema recorrente — a preocupação com as questões últimas do ser humano.

A literatura norte-americana, após a segunda guerra mundial e até nossa década, tem-se caracterizado por uma grande diversidade de estilos, objetivos e realizações. Este aspecto proteico, segundo Robert F. KIERNAN¹, é em grande parte reflexo da vida nacional, consequência dos acontecimentos políticos, intelectuais e culturais que se sucederam nos anos pós-guerra, afetando de modo abrupto e surpreendente o caráter norte-americano. Mas esta experimentação irrestrita de forma e conteúdo também é vista, por Joseph EPSTEIN², como advinda da diversidade de origens da população, já que surgem escritores de qualquer meio social ou grupo étnico, gerando o que ele chama de “o novo pluralismo da literatura norte-americana”.

As duas maneiras, complementares na realidade, de justificar a situação atual da literatura estadunidense, é claramente confirmada ao se examinar qualquer antologia, livro ou ensaio crítico que trate deste assunto, mesmo que as categorizações apresentem divergências de nomenclatura. KIERNAN, por exemplo, classifica a ficção norte-americana

1 KIERNAN, R.F. *A Literatura Americana Pós 1945*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983. p. 10.

2 EPSTEIN, J. “The Writer and Society”. *USIS*, 1973. p. 1.

contemporânea em judaica, negra, sulista, feminista, do Oeste; sem esquecer, por um lado, os realistas e romancistas de costumes, como por outro, os "beats" e os metaficcionalistas (ou anti-realistas), que Epstein, por sua vez, chama de ficção da "nova sensibilidade", além de citar também o "novo jornalismo" e a narrativa tradicional. E. GOODHEART ainda menciona o romance político e a narrativa não-teleológica, como fazendo parte desta ficção³.

Entretanto, EPSTEIN como GOODHEART concordam que, mesmo que esta diversidade seja útil em apontar para novas tendências e impasses sociais e em demonstrar uma preocupação com forma, estrutura e linguagem, os escritores não conseguem dar completamente conta da realidade norte-americana; e, segundo Epstein, apenas a narrativa tradicional consegue transmitir os conflitos morais do homem consigo mesmo e com os outros, como ela se apresenta na obra de Saul Bellow e, em escala menor, nos contos de John CHEEVER⁴.

Sem entrar no mérito desta avaliação, parece-nos contudo que, ao afirmar que a força duradoura da narrativa ficcional continua bem viva nos Estados Unidos através dos romances de Bellow, EPSTEIN aponta, juntamente com críticos como Hassan, Porter, Cohen, Dutton, Clayton e tantos outros, para Bellow como o autor que verdadeiramente consegue, através de uma ficção tradicional, resgatar a universalidade da natureza humana e que, nas palavras de KIERNAN, mais do que qualquer outro escritor vivo, impõe nosso respeito pela sua "tentativa obstinada de reconciliar a mente humana com uma natureza que dificilmente se amolda a ela e com uma experiência que a oprime"⁵.

O que torna Bellow simultaneamente tão judaico, tão americano e tão universal? Como podemos avaliar a carreira dele, agora em sua quinta década? Quais são os grandes temas que caracterizam sua obra e até que ponto eles estão manifestos em seus romances da década de 80?

Numa entrevista recente, perguntando sobre se havia começado um novo romance, BELLOW ri e responde:

I'm tuckered out right now There are things stewing inside my head. A writer in his 60s and 70s always has subjects laid aside. Will they be ripe when I'm 90? It's a good reason to hang in there⁶.

3 GOODHEART, E. "Four Decades of Contemporary American Fiction". In *American Literature* 9, ed. Boris Ford. London: Penguin. 1988. p. 622 and 634.

4 EPSTEIN, J. p. 5.

5 KIERNAN, R.P. *Saul Bellow*. New York: Continuum. 1989. p. 235.

6 W.C. *Newsweek*: June 9. 1987. p. 79.

Não há dúvida que ele deva sentir-se cansado: nascido em 1915 no Canadá, este escritor de origem judaica, com mestrado em Antropologia, tem uma produção que inclui onze romances (*Dangling Man*, 1944; *The Victim*, 1947; *The Adventures of Augie March*, 1953; *Seize the Day*, 1956; *Henderson the Rain King*, 1959; *Herzog*, 1964; *Mr. Sammler's Planet*, 1970; *Humboldt's Gift*, 1975; *The Dean's December*, 1982; *More Die of Heartbreak*, 1987; *A Theft*, 1989), além de dois volumes de contos (*Mosby's Memoirs and Other Stories*, 1968 e *Him With His Foot In His Mouth*, 1984), uma peça teatral (*The Last Analysis*, 1964) e diversas outras publicações (entre as quais *To Jerusalem and Back: a Personal Account*, 1976). Viagens, conferências, muitas premiações — entre as quais o Prêmio Nobel de Literatura em 1976 — ainda preenchem a carreira de Bellow, que também foi correspondente de guerra no Israel, lecionou em diversas universidades e é, desde 1963, professor na Universidade de Chicago.

Sua obra ficcional, como a de Roth e Malamud, já no início apresentava uma ruptura na literatura norte-americana, ao introduzir nela ficção judaica, que provava simultaneamente a “americanização” do judeu, preocupado como o próprio americano, em achar uma identidade, em ansiar por liberdade — como o herói de *The Adventures of Augie March* tão bem concretiza, graças à sua habilidade em conseguir se reerguer em todas as adversidades e desapontamentos. Esta procura de um próprio eu, esta oscilação de muitos de seus protagonistas, como Joseph em *Dangling Man* ou Asa Leventhal em *The Victim* — os próprios títulos já projetam esta preocupação — fez com que os críticos dividissem seus romances em “victim novels” e “quest novels”. Isto é, num determinado momento os heróis bellobianos não são apenas vítimas do contexto social que os cerca, vacilando entre impulsos conflitantes criados pela própria condição humana que os leva a uma quase loucura — como confirma o protagonista de *Henderson the Rain King*: “in an age of madness, to expect to be untouched by madness is a form of madness. But the pursuit of sanity can be a form of madness, too”⁷ — mas também vão à procura de salvação. Simultaneamente, estes mesmos heróis, além de sofredores inatos, também lembram, segundo os críticos, a figura do “schlemiel” da literatura judaica, através das conotações cômicas e paródicas que eles apresentam ao enfrentar adversidades. Entretanto, percorrendo a comédia e a tragédia das personagens e da ação, encontramos em todos os romances de Bellow a especulação, a idéia, a preocupação com as questões últimas do ser huma-

7 BELLOW, S. *Henderson the Rain King*. New York: Fawcett, 1959. p. 25.

no: a vida futura do planeta Terra e de outros planetas em *Mr. Sammler's Planet*; o homem que procura conciliar as tensões entre fugir e enfrentar a realidade em *Herzog*, dividido como ele está entre memórias pessoais e as cartas que escreve mas não envia às mais variadas pessoas, vivas, mortas, públicas e desconhecidas e até a Deus; problemas do espírito, a natureza moral do homem, a morte, em *Humboldt's Gift*.

Assim, mesmo que a narrativa belloviaiana sempre tenha se caracterizado por uma grande diversidade estilística e estrutural — sinal de vitalidade e versatilidade — e que algumas obras, como *Henderson the Rain King*, ainda terem sido inicialmente depreciadas por não apresentarem, entre outros aspectos, consistência entre a seriedade do tema e a visão paródica do autor⁸, determinados temas, sobre os quais concordam os críticos e que estão tão bem sintetizados por F. WHITEHEAD⁹, são recorrentes em sua obra:

- a grande capacidade que seus heróis têm de sofrer;
- sua preocupação com a irreversibilidade da morte e como dar conta dela;
- seu anseio por um paliativo místico ou religioso que ofereça esperança em alguma forma de vida após a morte;
- uma crítica dos valores que regem o comportamento das pessoas umas com as outras.

Como reaparecem alguns destes temas nos romances dos anos 80?

The Dean's December nos apresenta novamente um intelectual, Albert Corde, professor de jornalismo e diretor de uma faculdade em Chicago. Corde coloca ambas as posições em risco, entretanto, pelas atitudes morais extremadas. Ao voltar para a América após passar dezembro em Bucarest, onde a mãe de sua esposa Minna estava agonizando, ele sente que sua credibilidade profissional havia sido destruída ao ter confiado em um amigo, Dewey Spangler, que o ironiza em seus artigos. Corde se demite como diretor e o romance termina com ele e a esposa — uma astrofísica — no alto do observatório do Monte Palomar.

8 Ver RENAUX, S. "Bellow's Carnivalistic Vision of the World in *Henderson the Rain King*". USP, 1977.

9 WHITEHEAD, F. "Saul Bellow's Enigmatic Ironies". In: *American Literature* 9, ed. Boris Ford, p. 527-528.

Se suas rumações incessantes sobre as grandes questões humanas já nos fazem lembrar a maioria dos heróis anteriores, como ao repensar a realidade —

He wondered what reality was if it wasn't this, or what you were "losing" by death, if not this. If it was only the literal world that was taken from you the loss was not great. Literal! What you didn't pass through your soul didn't even exist, that was what made the literal. Thus he had taken it upon himself to pass Chicago through his own soul. A mass of data, terrible, murderous. It was no easy matter to put such things through. But there was no other way for reality to happen. Reality didn't exist "out there". It began to be real only when the soul found its underlying truth. In generalities there was no coherence — none. The generality mind, the habit of mind that governed the world, had no force of coherence, it was dissociative. It divided because it was, itself, divided¹⁰.

— É na verdade a presença da morte, na figura de Valéria Raresch, e seus efeitos devastadores sobre sua filha Minna e também sobre Corde, que parecem gerar o centro nervoso do romance. No final, a concepção da morte em si mesma é amalgamada com a da morte numa dimensão mais cósmica, pela analogia visual estabelecida entre a cúpula gelada do crematório em Bucarest, que nunca abria — "you could pass through only as smoke"¹¹ com a cúpula do observatório do Monte Palomar, de onde a imensidão do universo podia ser contemplada e sentida como fazendo parte de nosso próprio organismo:

(...) the living heavens looked as if they would take you in (...). The sky was tense with stars (...). Everything overhead was in equilibrium, kept in place by mutual tensions. (...)

And what he saw with his eyes was not even the real heavens. No, only whitemarks, bright vibrations, clouds of sky roe, tokens of the real thing, only as much as could be taken in through the distortions of the atmosphere. Through these distortions you saw objects, forms, partial realities.

10 BELLOW, S. *The Dean's December*. New York: Pocket Books, 1983. p. 294-295.

11 ————, p. 345.

The rest was to be felt. And it wasn't only that you felt, but that you were being informed that was spread over you had to do with your existence, down to the very blood and the crystal forms inside your bones¹².

Esta tentativa de Bellow de transcender o material, o meramente humano, através das "epifanias" que seus heróis experimentam, percorre toda sua obra e constitui, provavelmente, um dos pontos altos de sua visão artística e de sua temática. E vai reaparecer novamente no romance seguinte da década de 80, *More Die of Heartbreak*, que é de certo modo um retorno àquela exuberância cômica que sempre marcou a narrativa de Bellow, após o contexto mais sombrio e deprimente de *The Dean's December*.

O título foi tirado da fala de seu personagem principal, Benn Crader, botânico famoso que, quando perguntado por um repórter sobre a flora e as conseqüências do aumento do nível de radiação (após Chernobyl), responde: "It's terribly serious, of course, but I think more people die of heartbreak than of radiation"¹³. O livro relata, através de um "unreliable narrator", Kenneth Trachtenberg, o relacionamento deste com o tio famoso, de quem se torna conselheiro e protetor, ao tentarem mutuamente reorganizar suas vidas. Este botânico sexagenário e viúvo, entretanto, em vez de se contentar em prosseguir suas pesquisas com plantas, está ansioso em estabelecer contato com uma mulher bonita. Como o sobrinho comenta:

Yes, botany. Botany was the big thing. Yet it had a rival, which was female sexuality. He couldn't leave the women alone. When he traveled around the world, his professional cover was roots, leaves, stems and flowers, but actually there was a rival force of great strength. Part of his Eros had been detached from plants and switched to girls. And what girls! A phoenix who runs after arsonists! was my spontaneous and startling thought. Burnt to the ground, reincarnated from the ashes. And after all, every return of desire is a form of reincarnation. For after desire departs, no man can be certain that it will ever return. It's like the Yeats poem: "Many times I died, /Many times I rose again"¹⁴.

12 _____ . p. 345.

13 BELLOW, S. *More Die of Heartbreak*. London: Secker & Warburg. 1987. p. 87.

14 _____ . p. 198-199.

Mas suas experiências desastrosas com o sexo feminino — mulheres vorazes, simbólicas da moderna babilônia americana — acabam culminando no casamento com Matilda Laymon, cuja família quer explorá-lo para atingir maior projeção social. Assim, Benn Crader, após o escritor Artur Sammler de *Mr. Sammler's Planet*, o detentor do prêmio Pulitzer Charlie Citrine de *Humboldt's Gift* e do erudito Albert Corde de *The Dean's December*, é apenas o mais recente de uma série de pensadores e intelectuais loquazes, sempre especulando sobre questões últimas. Mas, além de ser um dos mais cerebrais, ainda retém características dos primeiros heróis de Bellow, os vitimados, ao se tornar um personagem comicamente ingênuo e intimidado pelos Layamons. Não apenas isso, mas os próprios motivos — como o relacionamento tio-sobrinho — que percorrem o romance recordam obras passadas: o relacionamento de Charlie Citrine com o famoso Humboldt, de Henderson com o rei Dahfu, e outros. Mas, nas palavras de KIERNAN, todas essas polaridades cientista-humanista, pai-filho, vítima-destruidor, são apenas tantas esquematizações da realidade humana, artifícios que não resolvem a irresolubilidade da experiência, que é o assunto principal do romance¹⁵.

Esta irresolubilidade é projetada, particularmente, durante uma viagem de Trachtenberg e seu tio ao Oriente, quando ambos estão a 38.000 pés de altura e portanto, como o narrador comenta, "we might imagine that we had left the earth behind". Entretanto, as preocupações terrenas continuam, pois

we were still (...) within the mundane egg where all creatures, all beings, lived on death, infected by death in the very desire for love, the only force that held out a hope against being devoured altogether. Mere Nature is Hell, as Swedenborg wrote (...). Insofar as sex is identified with Nature, the Euclidian logic is simple. In sexual pleasure (...) much pain is incorporated. And the bigger the block of shares assigned to "mere Nature", the more Hell there is in it¹⁶.

E as grandes indagações continuam, provocantes e profundas, até o final do romance, quando Trachtenberg, numa noite de insônia, tenta mais uma vez entender a complexidade humana e simultaneamente a causa de sua insônia:

15 KIERNAN, R.F. *Saul Bellow*. p. 229.

16 BELLOW, S. *More Die of Heartbreak*. p. 89.

The secret of our being still asks to be unfolded. Only now do we understand that worrying at it and raggng it is no use. The first step is to stop these oscillations of consciousness that are keeping me awake. Only, before you command the oscillations to stop, before you check out, you must maneuver yourself into a position in which metaphysical aid can approach¹⁷.

Numa “guinada” surpreendente, o último romance de Bellow, *A Theft*¹⁸, apresenta uma protagonista feminina — Clara Velde — executiva em Nova York, que procura não se tornar racista, mesmo após ter sido roubada de um valiosíssimo anel de noivado por um haitiano. Ela está envolvida numa luta que transcende os limites de cor e classe social, qual seja, em tentar viver de modo honesto e honrado num mundo comprometido.

Podemos vislumbrar, assim, através dessas pequenas incursões na produção ficcional de Bellow da década de 80 (ainda enriquecida pela maestria artística da série de contos *Him With His Foot In His Mouth*), uma recuperação e aprofundamento de alguns dos grandes temas que atravessam sua obra. Captando o temperamento de sua época, projetando-o através de personagens que representam o intelectual das grandes cidades, massacrado por um lado pelo excesso de informação e por outro continuando em busca de uma solução ou compreensão dessa experiência que o cerca, Bellow consegue amalgamar, em seus heróis, conflitos pessoais com as grandes questões da humanidade; as tensões entre as necessidades individuais e as pressões sociais, ambientais e metafísicas que envolvem suas personagens e que os levam, como a nós também, a tentar desvendar os segredos do ser humano em suas relações com a vida e com a morte.

Que Bellow prossiga a ter novos assuntos fervilhando em seu cérebro, e que eles realmente estejam amadurecidos antes de ele atingir os 90 anos. Nossa curiosidade em aguardar sua produção dos anos 90 é tão grande quanto a sua própria — “It’s a good reason to hang in there”.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLOW, S. *The Dean’s December*. New York: Pocket Books, 1983. 346 p.

17 ————. p. 330-331.

18 BELLOW, S. *A Theft*. New York. Penguin. 1989. 109 p.

- ———. **Henderson the Rain King**. New York: Fawcett, 1959. 286 p.
- ———. **More Die of Heartbreæ**. London: Secker & Warburg, 1987. 335 p.
- ———. **A Theft**. New York: Penguin, 1989. 109 p.
- EPSTEIN, J. "The Writer and Society". *USIS*, 1973. 15 p.
- GOODHEART, E. "Four Decades of Contemporary American Fiction". In: *American Literature* 9, ed. Boris Ford. London, Penguin, 1988. p. 617-636.
- KIERNAN, R.F. **A Literatura Americana Pós 1945**. Rio de Janeiro: Nórdica, 198, 212 p.
- ———. **Saul Bellow**. New York: Continuum, 1989. 270 p.
- WHITEHEAD, F. "Saul Bellow's Enigmatic Ironies". In: *American Literature* 9, ed. Boris Ford. London, Penguin, 1988. p. 515-532.
- *W.C. Newsweek*: June 8, 1987. p. 79.